

SESSÃO PÚBLICA DE SOLIDARIEDADE COM OS REFUGIADOS PROMOVIDA PELO CPPC

23 DE SETEMBRO DE 2015 – CASA DO ALENTEJO

INTERVENÇÃO DE CARLOS CARVALHO, VICE-PRESIDENTE DO MPPM

Senhoras e Senhores,

Caros amigos/ caras amigas,

Em nome do Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente – MPPM – cumpre-me manifestar ao Conselho Português para a Paz e Cooperação o nosso apreço pela iniciativa e pelo convite para participarmos neste acto de solidariedade para com os refugiados.

Saúdo os meus companheiros/as da Mesa e todos vós pela vossa presença e pelo vosso interesse num debate sobre uma questão tão actual como esta.

Os refugiados do Médio Oriente e de África que todos os dias tentam chegar à Europa, fugindo da guerra, da fome e da miséria que torna difícil a permanência nos seus países, devem merecer da nossa parte uma total e incondicional solidariedade.

Mas exige também que façamos uma reflexão sobre as origens de muitos destes dramas.

Desde já permitam-me chamar a atenção para que esta não é, ao contrário do se pretende fazer crer, a maior vaga de refugiados desde a II Grande Guerra.

Há 67 anos, iniciou-se um processo de ocupação da Palestina Histórica pelo recém-criado Estado de Israel e milhões de cidadãos palestinos e árabes foram expulsos da sua própria terra. A ONU estima em 4 milhões o número de palestinos refugiados na Jordânia, Líbano, Síria, Egipto e por tantas outras partes do mundo.

Mais recentemente, mas há mais de 40 anos, os Povos do Sahara Ocidental foram obrigados, pelo exército do Reino de Marrocos, com o apoio do Reino de Espanha e da conivência da Europa a refugiarem-se no inóspito deserto do sul da Argélia onde vivem, sobrevivem, sem que o Mundo pareça preocupar-se muito com isso.

Poderíamos falar, ainda, dos refugiados do Congo, do Ruanda, do Mali, da Eritreia, da Somália, e, mesmo no nosso continente, dos povos da Ex- Jugoslávia, de Chipre.

Se recuarmos vinte anos a questão Palestina e as agressões de Israel ao Líbano eram os principais focos de tensão na região. Ainda que antes tenha havido a agressão ao Irão e o início da intervenção norte americana no Afeganistão, através dos talibãs, antecessores da Al Qaeda e do dito estado islâmico.

Mas centremo-nos, então, nas causas que estão na origem desta vaga mais recente de refugiados oriundo, maioritariamente do Médio Oriente que procuram refazerem as suas vidas no nosso Continente.

Em Março de 2003 uma coligação constituída pelos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Austrália, Polónia e Portugal decidiram invadir o Iraque a pretexto de que este teria armas de destruição maciça, o que se provou ser falso. Para além das muitas dezenas de milhares de mortos iraquianos e uns milhares das forças invasoras. No Iraque nunca mais houve paz. Refugiados foram, são, aos milhões. Só a Síria recebeu mais de um milhão.

Em 2011 a NATO decidiu invadir a Líbia, o país com o 2º melhor índice de desenvolvimento de África, hoje é um estado destruído exportador de refugiados e covil dos terroristas da Al Qaeda e do dito "estado Islâmico".

Em 2012, é a Síria, um estado laico, com razoável nível de vida e um dos regimes mais progressistas da região que passou a ser o alvo a abater. Não foi invadida da mesma forma que o Afeganistão, o Iraque, a Líbia, porque tinha umas forças armadas bem preparadas. Mas a guerra que lhe foi, lhe é, movida não se mostrou menos destrutiva que as outras.

E é daí, destes países invadidos pelo chamado Ocidente, que parte um número significativo das centenas de milhares de refugiados que são a razão de nos encontrarmos aqui.

E o que faz esta chamada União Europeia?

Constrói muros de cimento e arame farpado nas valas de Ceuta, nas fronteiras da Hungria com a Sérvia, da Croácia com a Hungria, fecha as fronteiras e manda às urtigas o Tratado de Schengen.

Ontem voltaram a reunir os ministros do Interior mas a questão das quotas é a "la carte".

E ainda que a decisão do Conselho tenha sido a de realojar 120 mil refugiados pelos estados membros, parece ser evidente que a Hungria, Polónia, Roménia, República Checa ou a Eslováquia, países que votaram contra, não querem refugiados porque são muçulmanos.

E é neste caldo de cultura que a xenofobia, o racismo, a intolerância e mesmo o fascismo se desenvolvem.

Que podemos fazer nós, cidadãos, militantes pela paz e pela concórdia entre os povos?

Exigir que Portugal acolha a quota de refugiados que vier a ser estipulada no cumprimento da Convenção de Génève sobre os Refugiados.

Contribuirmos com a nossa intervenção cívica para desfazer preconceitos de cidadãos pouco informados e combatermos ideias e atitudes xenófobas que já grassam no nosso país.

Denunciar os responsáveis pelas guerras que estão na origem deste êxodo.

Exigirmos o fim da ingerência em países e Estados soberanos, tal como preconiza o artigo 7º da Constituição da República.

Lutar pela Paz!

Obrigado pela vossa atenção

Lx, 23 de Setembro de 2015